



BRUNO MARONETTI

# REVOLTA POPULAR

*Mesmo depois da revogação do aumento  
mais de um milhão de pessoas vão às ruas protestar*

O Brasil viveu na semana passada um clima de convulsão civil. Mesmo depois do anúncio da redução da tarifa em 14 capitais, quando se esperava que a população simplesmente viesse às ruas para comemorar a vitória, na quinta-feira, 20/6, mais de um milhão de pessoas foram às ruas protestar sob as mais diversas palavras de ordem em dia de ato nacional.

Nas grandes capitais brasileiras o protesto se fez presente nas ruas, com conflitos entre manifestantes e polícia em 13 capitais, a exemplo do Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte e Fortaleza, durante jogo da seleção brasileira pela Copa das Confederações. Em Ribeirão Preto e na capital federal foram registradas mortes de manifestantes, enquanto que por todo o país mais de cem pessoas ficaram feridas.

Durante as duas últimas

semanas jovens de todo país juntaram-se a vários setores da sociedade para produzir a maior manifestação massiva no Brasil do século XXI. Foram sete grandes passeatas na cidade de São Paulo que, nos últimos dias, espalharam-se pela periferia, como M'Boi Mirim, grande São Paulo, Osasco, e interior paulista. Tendo como principal reivindicação a redução das tarifas dos transportes públicos.

O *PUCviva* esteve presente em todas as grandes mobilizações na capital paulistana, constatando o aguerrimento de manifestantes que não se amedrontaram ante o ataque brutal da polícia e as provocações feitas pelos agentes infiltrados da PM, os famosos P2, que iniciavam os tumultos para criminalizar os manifestantes.

A PUC-SP esteve presente à mobilização, com boa parte

de seus alunos seguindo as passeatas e com alguns de seus ex-alunos, principalmente os jornalistas, sendo presos ou feridos pela PM. A APROPUC também convocou os professores, que caminharam junto com os manifestantes, da mesma forma que os docentes da USP.

## VITÓRIA

A conquista obtida na quarta-feira, 19/6, com a revogação do aumento da tarifa, representou um grande avanço para o movimento e o desgaste para governos que não têm políticas claras para os setores explorados da população.

O anúncio veio depois que Dilma Rousseff se reuniu com prefeitos e governadores das capitais e negou-se a emitir mais isenções fiscais para o setor de transportes, que já conta com

PIS/COFINS subsidiado.

Porém o movimento pelo passe livre não deve terminar por aqui e novas formas de luta, com novas pautas de reivindicação, deverão ser incorporadas ao dia a dia dos brasileiros.

Na sexta-feira, 21/6, durante o fechamento desta edição, a presidenta reunia-se com sua cúpula para avaliar os protestos e decidir se fará um pronunciamento oficial em rede nacional. Dilma viajaria para o Japão e a Salvador, mas diante os protestos cancelou as viagens.

Nesta edição procuramos refletir sobre o significado e as perspectivas do movimento, através de nossos artigos, entrevistas e editorial, mostrando também que ele reflete toda uma revolta represada aqui na PUC-SP, onde a intolerância e a repressão refletem os fantasmas que os manifestantes desnudaram.

## EDITORIAL

## A vitória do movimento

Finalmente, Alckmin e Haddad chegaram a um acordo que revoga o aumento das tarifas dos transportes coletivos. Trata-se de uma conquista do movimento de massa. Trata-se mais de uma conquista política do que de uma solução econômica para a situação de penúria da maioria oprimida. Permanece em pé o problema do transporte. Os governos continuarão subsidiando os capitalistas do setor e descarregando os custos sobre a população assalariada. O movimento terá de enfrentar mais decisivamente a política de privatização dos serviços públicos. Está aí por que se deve ressaltar a extraordinária conquista política.

Milhares e milhares de jovens, estudantes e populares ganharam as ruas, em várias capitais do Brasil. Os governos não acreditaram que o movimento de massas pudesse renascer na atual situação econômica e política.

A crise tem sido apresentada em um horizonte distante. Exibem-se a baixa taxa de desemprego, os programas federais de "inclusão social" e a manutenção do consumo da classe média como garantias de que os reflexos da desintegração do capitalismo mundial chegam enfraquecidos no País.

Mas as ilusões de que os brasileiros miseráveis, pobres e remediados passaram a colher os frutos de um período de prosperidade e de reformas sociais caem por terra. Torna-se visível que apenas banqueiros, investidores, poderosos industriais, agroexportadores e, sobretudo, os monopólios acumularam gigantesca fortuna. A imensa maioria colheu migalhas do banquete capitalista.

O fato é que a vida social continuou mergulhada no pântano da miséria e pobreza. É o que mostram os altos índices de assassinatos, de execuções, de chacinhas e de presídios superlotados.

É o que mostram as ocupações urbanas de sem-teto e a subsequente ação policial nas reintegrações de posse.

É o que mostra o avanço das drogas e o aumento do lumpesinato, perambulando nas ruas das grandes cidades.

É o que mostra a militarização das favelas e morros do Rio de Janeiro.

É o que mostra a revolta dos operários de Belo Monte, Jirau, Santo Antônio e Suape, duramente combatida pela Força Nacional de Segurança.

É o que mostra a falta de demarcação de terras indígenas e a expulsão violenta das tribos indígenas de suas terras ancestrais pelo agronegócio.

É o que mostram as greves, tratadas pelo judiciário como crimes e motivos de pesadas multas aos sindicatos.

É o que mostram as ocupações estudantis vencidas pelas tropas de choque, os processos que enquadram as lideranças como formadoras de quadrilhas e as expulsões da universidade.

Essa é a energia propulsora das manifestações que começaram pequenas e que se agigantaram diante da guerra desfechada pelos governos de São Paulo. A resistência da juventude e a atitude de reprovção da população obrigaram o governador Alckmin a recuar em sua sanha repressiva e o prefeito Haddad a reconhecer os excessos da Tropa de Choque.

Por mais que se tenha feito uma campanha na mídia de que o Brasil respeita o direito de manifestação, a operação militar do dia 13/6 evidenciou o Estado policial, cuja estrutura se deita nos vinte anos de ditadura militar. O uso das balas de borracha e a mira certa no rosto de manifestantes retratam a orientação ditatorial. A Tropa de Choque é preparada para combater as massas em luta.

A APROPUC reconhece a vitória política do movimento social. Condena o ataque policial ao Movimento Passe Livre. Exige que não haja nenhuma punição àqueles que ousaram enfrentar o braço armado do Estado. É necessário que o movimento dê um passo à frente organizando os comitês de base, retomando as reivindicações de passe livre para estudantes e desempregados e colocando em sua pauta a defesa do salário mínimo vital e os reajustes de acordo com a inflação. Os manifestantes levantaram as bandeiras em defesa da saúde e da educação. É preciso que se faça, portanto, um bom balanço dos acontecimentos para fortalecer a luta dos explorados.

Diretoria da APROPUC

# Mais solidariedade à professora Bia Abramides

Até o fechamento desta edição não tínhamos nenhuma notícia sobre o pronunciamento da reitora nomeada, professora Anna Cintra sobre o relatório do processo político contra a professora Bia Abramides, que lhe foi entregue neste mês pela Comissão Processante.

O fim do mês de junho se aproxima, mas os apoios à professora Bia Abramides contra o processo administrativo pelo qual vem passando não param de chegar. No dia 17/6, a Comissão Diretiva do Colégio Profissional de Serviço Social de Neuquén, Argentina, enviou uma nota declarando apoio internacional à professora. O texto manifesta "o repúdio da entidade ao processo administrativo contra a professora por participar de uma manifestação com os estudantes em 27/2", e declara que o processo lesiona gravemente os direitos individuais e sindicais conquistados em épocas democráticas. A nota é assinada pela presidente Maria Elena Machado, pela secretaria Sandra Bustos, pela

tesoureira Paulina Tapia e por Lorena Rivas, Javier Lombardo e Natalia López.

Confira também os outros apoios recebidos esta semana: Cristina Barreto - Assistente Social; Erica Machado da Silva - Secretaria Municipal de Saúde - Aracaju; Félix Ruiz Sánchez - Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP; Rosa Stein - Professora UNB; Fabiana Scoleso - Professora PUCSP; Valéria Noronha - Escola Nacional de Saúde Pública; Daniela Barbom - Assistente Social; Janaina Bilartes Martins - Assistente Social; Ana Carolina Amadeu - Assistente Social; Elisa Brisola - Assistente Social; Silvia Eugênia Galli - Instituto de Educação Otoniel Mota; Inma Figols - Consultora; Junia Rios Campelo - PUC-Goias; Alessandra Freitas - Universidade de Taubaté; Soraya Alencar - Faculdade de Saúde Pública; Sueli Moura - Analista de Saúde; Helio Penteadó - Advogado; Emilia Aratanha - Movie Art; Paulo Souza - Ciências Médicas - Santa Casa.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

**Apropuc:** Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 – Fone: 3872-2685.

**Afapuc:** João Ramalho 182, 7º andar – Fone: 3670-3391.

**PUCViva:** 3670-3391 – **Correio Eletrônico:** [pucviva.jornal@uol.com.br](mailto:pucviva.jornal@uol.com.br) – **PUCViva na Internet:** [www.apropucsp.org.br](http://www.apropucsp.org.br)

**Editor:** Valdir Mengardo

**Reportagem:** Roberto Oliveira, Marina D'Aquino e Anna Gabriela Coelho

**Fotografia:** Marina D'Aquino

**Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração:** Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

**Conselho Editorial:** Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victoria C. Weischtord

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

# Estudantes discutem manifestações e suas repercussões na PUC-SP

*Hoje a nossa entrevista semanal centra-se nas manifestações de massa que uniram nas ruas do país estudantes e setores da população reivindicando redução das tarifas dos coletivos. Entrevistamos três estudantes da PUC-SP que estiveram na maioria das mobilizações ocorridas em São Paulo e hoje refletem um pouco sobre a importância deste movimento e suas implicações internamente na PUC-SP.*



ARQUIVO PESSOAL

dação São Paulo, da Igreja e da atual reitora, professora Anna Cintra, que representou um duro golpe na democracia da universidade.

Podemos fazer uma ligação com os fatos que ocorrem hoje porque nos últimos meses observamos uma inversão na lógica política do país onde a juventude indignada que encontrou nas ruas a sua forma de protesto e de atos como um espaço para se fazer política.

Para se avaliar os destinos do movimento precisamos pensar em dois momentos específicos: o primeiro deles diz respeito ao eixo da manifestação. Tem-se colocado frequentemente que a palavra de ordem do movimento não se restringe aos R\$0,20 e isto, a meu ver, é positivo porque as pessoas devem ter como horizonte outras pautas e outros motivos para protestar. No entanto é importante compreender que estes atos específicos, localizados na cidade de São Paulo, têm como função central a revogação do aumento das tarifas de ônibus e metrô. Isto é sintomático porque temos necessidade de uma pauta concreta, unitária para se obter uma vitória concreta aqui na cidade de São Paulo.

Este é o passo inicial, a ida às ruas da população para a revogação do aumento. Mas nós temos também o sentimento anti-partidário, que eu caracterizo de duas formas: a primeira é um movimento por parte da juventude que hoje tem uma descrença nos partidos da ordem, sejam eles partidos de esquerda, como o PT, ou mesmo os partidos da direita tradicional, como o PSDB, PMDB ou DEM. Deste ponto de vista acredito que esta é uma manifestação interessante, a resposta de uma juventude que não se satisfaz mais com a mera institucionalidade que tem simplesmente acordos dentro de uma "política do possível".

Apesar disso, não tenho o menor problema com a organização partidária em si, inclusive faço parte de uma delas, o PSOL, e entendo e respeito o posicionamento de uma juventude que desconfia dos partidos da ordem. Mas existe outro lado deste anti-partidarismo, ou até de movimento apolítico, como alguns dizem que é um sentimento propositadamente colocado pela mídia hegemônica, por parte dos setores mais conservadores da sociedade, que tem como principal

função não o desgaste direto aos partidos e à ordem em geral, mas sim um desgaste direto às organizações partidárias que participam desde o primeiro ato deste ano, da construção do movimento e que estiveram, inclusive em 2011, quando aconteceram outros movimentos massivos contra a tarifa aqui em São Paulo. Estes partidos são basicamente o PSOL e o PSTU.

Então é preciso fazer esta diferenciação: de um lado a juventude que desconfia dos partidos da ordem, o que é positivo, e aqueles setores conservadores que escondidos por trás de um sentimento nacionalista estão se infiltrando no interior do movimento trazendo para dentro dele as pautas mais conservadoras da sociedade.

## HENRIQUE IGLECIO

Curso de Direito e do Coletivo Rompendo Amarras

As manifestações nacionais que acontecem hoje refletem um momento histórico pelo qual passa o Brasil, e em especial um momento histórico para nossa geração. Desde o "Fora Collor" não acontecia um levante de massas, com a juventude brasileira indo às ruas e defendendo direitos.

Na PUC-SP, em menores proporções, podemos destacar que no final do ano passado tivemos uma manifestação muito rica que foi o levante dos alunos e de boa parte dos professores e funcionários contra a intervenção da Fun-

## RUTE PINA

Curso de jornalismo

Tenho a impressão de que a luta pela redução da tarifa do transporte público agregou um pouco de uma série de experiências políticas anti-capitalistas pelas quais a

continua na próxima página

continuação da página anterior

sociedade passou nos últimos 3 anos. Aqui no Brasil, por conta do momento de nossa conjuntura, não houve um movimento "occupy" nas mesmas proporções de outros lugares, como nos Estados Unidos ou na Europa, muito menos uma organização tão grande da multidão de indignados contra o sistema econômico mundial.

Ainda que não tenham sido exatamente iguais, saí com a impressão de que a luta pela tarifa agregou um pouco desses dois movimentos, principalmente no que diz respeito à insatisfação geral contra a velha política.

Embora tenha ocorrido um certo desvio conservador, houve esse espelho durante a luta contra a tarifa e agora devemos saber canalizar isso para uma jornada de lutas, eu acho.

Para a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo acredito, primeiro, que a vitória pela redução do preço da condução favorece a permanência na Universidade. Apesar das mensalidades caras e de o aumento revogado (de R\$0,20) ter parecido relativamente baixo, a quantia que se economiza nos transportes ajuda a juntar alguns trocados para pagar almoços, xerox e outras necessidades que temos na vida acadêmica.

Por outro lado, a luta contra o aumento do transporte é também importante para lembrar estudantes, professores e funcionários da PUC-SP que os processos de enfrentamento político podem ser sim vitoriosos.

**DANIEL FIAMEGHI**  
Curso de  
Ciências Sociais  
e próximo ao MPL



ROBERTO OLIVEIRA

Na minha avaliação, os primeiros atos da luta contra o aumento demonstraram-se muito grandes frente aos outros atos que o movimento fazia. No primeiro já teve o confronto com a polícia e a manifestação reagiu de forma mais enfática, com ações diretas, como pichações. Talvez porque enquanto não houve o aumento, o MPL se voltou para a periferia, M'Boi Mirim, Grajaú, e essa aproximação trouxe novas pessoas e maior radicalidade para os atos contra o aumento da passagem, principalmente em resposta à repressão policial - o que aconteceu em quase todos os atos.

O Governo de São Paulo cumpriu com o papel dele, que era dizer "questão de manifestação é caso de polícia", agir pela repressão como sempre faz com manifestações mais contundentes. O Haddad foi todo o tempo enfático ao afirmar a impossibilidade de baixar a tarifa de ônibus e até se omitiu em vários momentos de repressão policial. Por isso eu acho que agora que nós temos essa vitória da revogação do aumento, devemos quebrar essas duas frentes, a do Ha-

ddad dizer que era "impossível a redução", e a do Geraldo Alekmim, de jogar a cavalaria e a tropa de choque para cima do movimento. Uma vitória que custou balas de borrachas, pessoas feridas, várias pessoas presas e perseguição política.

Outra questão foi a classe média começar a apoiar as manifestações. Apesar de ser contra ao que eles chamam de vandalismo, depredação, entre outras coisas, a classe média começou a ver com bons olhos a pauta do passe livre, coisa que antes não se discutia.

A repressão juntou-se com a luta pelo transporte e fez com que o movimento crescesse vertiginosamente nessas duas últimas semanas, o que também abriu bastante a pauta. Para quem foi nas manifestações da semana passada, via-se que tinha gente pautando contra a corrupção ou contra a PEC37. Então se agregou um descontentamento da forma de fazer política que existe, mas que não é uma despolitização, e às vezes isso fica meio confuso, principalmente para quem não tem clareza política do porquê estar no ato. Às vezes reivindica-se tanta coisa, mas

não se reivindica nada, algumas vezes isso ficou claro com pautas estranhas e até contraditórias. Por isso, o MPL fez questão de ir à imprensa, coisa que movimentos mais horizontais não costumam fazer, como dar entrevista ou fazer coletiva, porque de uma forma ou de outra são delegadas algumas pessoas que se tornam "pseudolideranças", pelo menos externamente, embora internamente não tenham lideranças em si. Esse foi um momento em que o MPL teve que abrir mão desta questão e se colocou em público.

Já sobre a PUC-SP a situação é bem curiosa porque, aparentemente, parece que ela fica em alguns momentos neutralizada. A PUC parece um vulcão em erupção, às vezes aparenta estar inativa, pois quando alguma coisa acontece ela ganha uma efervescência impressionante. Foi assim na greve, quando a PUC-SP parecia estar distante da eleição, mas com a nomeação da Anna Cintra o movimento estudantil ganhou uma dimensão que ninguém imaginava. E eu acho que nos atos foi igual. Antes de começarem os protestos, aconteceu uma atividade no Museu da Cultura para discutir a questão do transporte: compareceram cinco pessoas. Então você olhava e pensava que realmente a PUC-SP não queria discutir o tema. Mas quando começou a mobilização e a pauta ganhou importância na sociedade, a PUC, de novo, se demonstrou com um potencial de ebulição gigantesca, com estudantes marcando concentrações e indo junto aos atos. Eu mesmo encontrei uma galera da PUC-SP nos atos. E isso é interessante porque também foram veteranos e professores para as manifestações

## FALA COMUNIDADE

# Movimentos Sociais: centelhas de utopia

**Marcia Accorsi Pereira**

Estava lá no momento em que tudo começou. Acompanhei a manifestação dos majoritariamente jovens em defesa da redução da tarifa de ônibus, desde a concentração no Teatro Municipal até a já lendária Rua Maria Antônia com a Consolação. Como estava só, enquanto aguardava o início da passeata, observei olhando para o alto, a beleza do centro da cidade. O entardecer, as luzes acendendo, os prédios iluminados, dava um agradável frescor à tarde que se encerrava. Ouvi de uma transeunte a afirmação que nada aconteceria, pois tudo estava muito calmo. Também intimamente partilhei dessa opinião. A força policial a postos parecia que também estava lá para cumprir a sua missão máxima e tão alardeada pelo senso comum - a proteção aos cidadãos, em seu elementar direito de manifestar e reivindicar direitos.

Quanta ingenuidade da minha parte. Enfim, a passeata começou com as palavras de ordem que sugeriam o clamor à não violência e chamamento à luta. Um cartaz escrito à mão, dizia: "A cidade muda, nada muda". Olhava agora para os participantes, e também indagava quem seriam esses jovens e as suas motivações. A imagem me era bem familiar, pois parecia que estava na prainha ou nas rampas da PUC-SP, sabendo de antemão que al-

guns dos meus alunos deveriam estar misturados a essa multidão. Pensei também, devido ao acesso às universidades e faculdades, deveria haver também ali filhos de policiais, dos cidadãos eleitos pelo voto, que teimam em administrar e realizar o exercício político atendendo prioritariamente os interesses dos setores dominantes (outra pérola da antiguidade). Diversas vezes fui chamada de tia, pois não havia participantes da minha faixa etária, afinal já não andamos tanto de transporte coletivo e uma

outras curiosos transeuntes. O trânsito já começava a ficar confuso e os policiais começaram a surgir, também me parecendo com o objetivo de disciplinar os carros e os pedestres. De repente, não mais que de repente, olho para trás em direção ao Bar do Zé, na Maria Antonia, e vejo há cerca de um ou dois metros, um batalhão de policiais vestidos de preto ajoelhados no chão e paramentados em posição de combate. E só ouvi um grito de um jovem nos meus ouvidos "Corre tia (maldita palavra) para a Consolação".

que nos obrigam a olhar para dentro das nossas próprias vidas e, nessa hora, descobrimos que desaprendemos a sonhar". Esses jovens, com certeza estão construindo suas histórias, que não podem ser ceifadas com cassetetes, bombas de gás lacrimogêneo, spray de pimenta, cavalaria contra vidrinhos de vinagre e pichações. E, ainda causa maior indignação as declarações dos políticos de plantão, ao defender com maior ou menor rigor a ação repressiva, pois afinal são os seus mandantes. E, o que é pior, muitos deles negando a sua própria história de luta e combatividade. Parece óbvio também, que a tarifa de ônibus, embora mexa com os bolsos, deva ser analisada, como uma causa que transparece a insatisfação mais profunda. Esses jovens parecem, a todo o momento, gritar que essa parafernália de consumo exacerbado não cabe em seus sonhos e utopias, embora o apelo dessa sociedade seja para que todos possam se tornar consumidores ferozes e (in)felizes. Esses jovens mostram que ainda há centelhas de utopia advindas contraditoriamente dos lampejos das forças repressoras. Essas reflexões escritas ainda no calor dos acontecimentos traduzem que ainda podemos sonhar e lutar.



**Esses jovens parecem, a todo o momento, gritar que essa parafernália de consumo exacerbado não cabe em seus sonhos e utopias, embora o apelo dessa sociedade seja para que todos possam se tornar consumidores ferozes e (in)felizes.**



parcela significativa já pode usar o "benefício" do idoso. Essa é a parte a se lamentar... Enfim, tranquilamente acompanhei a passeata que seguiu pela Rua Barão de Itapetininga, Praça da República, Ipiranga chegando até a Consolação, defronte à Igreja. Como a passeata não andava, me adiantei, já disposta a ir embora, chegando até a esquina da Maria Antonia. Parei por alguns minutos, junto com um aglomerado de estudantes, provavelmente do Mackenzie, e

Corri o quanto pude, é óbvio, acompanhada de um punhado de gente e as bombas não paravam de estourar. Só conseguia me indignar, diante da gratuidade dessa violência. O resto é a barbárie, que até a mídia mais conservadora, veiculou. Assim, copio as palavras de André Borges Lopes, ao final do seu texto: "Esses moleques que tomam as ruas e dão a cara para bater incomodam porque quebram vidros, depredam ônibus e paralisam o trânsito. Mas incomodam muito mais por-

**Marcia Accorsi Pereira é professora de Serviço Social da PUC-SP.**

## FALA COMUNIDADE

# Mobilizações de Massas: Redução das Tarifas de Transportes e Descontentamento Generalizado

*Bia Abramides*

As grandes mobilizações de massa impulsionadas pela juventude que tomou as ruas do país na luta pela redução da tarifa dos transportes - a partir do Movimento Passe Livre-MPL-nas últimas duas semanas-expressam também um descontentamento generalizado mediante o custo de vida que se ampliou com a presença de trabalhadores e do movimento popular nas ruas.

A polícia respondeu com a truculência da ditadura militar e os governos do PSDB, com reacionarismo, e do PT, com autoritarismo e burocratismo acompanhados do coro da grande mídia que lançava a pecha de arruaceiros e vândalos sobre as manifestações da juventude, visando criminalizar as ações de massa. Após a brutal repressão de quinta-feira, dia 13/6, em São Paulo, recuaram e tentam de forma reacionária impor a ideia de nacionalismo, patriotismo e apartidarismo. Sabemos que o movimento de massas é heterogêneo, difuso, mas há um sentimento generalizado de descontentamento.

A esquerda revolucionária neste momento deve fazer frente única e disputar, politizar esse processo. As bandeiras vermelhas da esquerda são um legado para

o processo de lutas. Grande parte da juventude pós ditadura sequer tem consciência do significado da esquerda para as lutas sociais imediatas (transporte, educação, saúde, habitação, trabalho, salário, terra) e históricas (fim da propriedade privada dos meios de produção, fim das classes sociais, sociedade igualitária, socialista). Parte se desiluiu com o que poderia ser o PT, com toda razão e que hoje é o partido da ordem, capitulou e representa os interesses dos banqueiros do capital internacional.

Como diziam Marx e Engels as ideias dominantes de uma dada época são as ideias da classe dominante, que penetram os poros de grande parte da população que expressam ideias difusas, outras conservadoras e muitas vezes reacionárias como foram movimentos de massas fascistas na história da humanidade. Neste movimento explosivo de massas, há reivindicações sociais centrais e há a presença de setores que em algumas cidades tentaram expulsar lutadores com suas bandeiras de partidos de esquerda apresentando reivindicações conservadoras.

Lenin nos falava da paciência histórica, não podemos nos retirar da luta. Vamos levantar nossas bandeiras vermelhas avante camaradas! A ação

direta coloca em cheque as instituições, o Estado a serviço do capital e o capitalismo, mas sabemos também que a falta de direção política democrática e de lutas esvazia a própria mobilização ou expressa uma força reacionária no interior do movimento.

É necessário que os setores de esquerda do movimento expressem suas posições e as assembleias de base pautadas na democracia operária fortaleçam um programa democrático com as forças políticas ativas no movimento.

Os gastos com a Copa de 28 bilhões em detrimento dos gastos com a educação, saúde, transporte, habitação, reforma agrária, demarcação de terras estão sendo denunciados, repudiados, há um sentimento generalizado que coloca em cheque as instituições burguesas, o Estado, os partidos que o representam, e neste sentido é extremamente positivo para as lutas sociais.

A população pobre parou avenidas no Grajaú no dia 18, e em 19/06, a Anchieta, Taboão da Serra, M' Boi Mirim e outros bairros das periferias de São Paulo, reivindicando redução imediata da tarifa cujo aumento representa em torno de 25% a 30% do salário mínimo de fome de \$678,00 reais com transporte, o que evidencia que 0,20 de aumento é abusivo para a

população pobre da cidade, se colocando ainda contra os gastos fabulosos com a Copa em detrimento dos direitos sociais, na luta pela saúde, educação, transporte públicos de qualidade e habitação. Entre os dias 19 20/06/ cerca de 14 prefeitos de capitais e cidades do interior já recuaram e reduziram o preço do transporte. Mais de 100 cidades em todo o país fizeram mobilizações de rua e bloqueio de estradas em 20/06 e chegaram a mais de um milhão de pessoas de norte a sul do país nas ruas, entre capitais e cidades do interior.

A rede Globo e grande parte da imprensa vem ao ar para enfatizar que as mobilizações devem ser apartidárias para minar, neutralizar a possibilidade de politização das massas para a luta contra a privatização e anticapitalista.

Em muitas cidades a truculência da polícia imperou e resultaram muitos feridos por balas de borracha. As mobilizações devem continuar e sem dúvida a esquerda necessita unificar-se em uma frente única classista, anticapitalista, socialista. São os sem terra que lutam por reforma agrária, os indígenas pela demarcação de terras, os sem teto por habitação, a luta pela saúde, transporte e educação públicos, de

continua na próxima página

continuação da página anterior

qualidade, estatizados. Chega de chacinas e criminalização aos movimentos sociais. Retomar a bandeira da estatização sem indenização às empresas privadas de transportes, esse é o nosso papel como revolucionários, socialistas.

Coloca-se claramente a luta pela extinção imediata da PM, um resquício da ditadura ainda aí presente. Precisamos combater o nacionalismo, a despolitização, a xenofobia, o irracionalismo, o individualismo e todas as mazelas da decomposição do capitalismo.

É necessário ampliar ainda mais a participação do trabalhadores e população pobre em geral nas lutas e estabelecendo um programa claro de lutas:

- ✓ Revogação imediata do aumento das tarifas em todo o país;
- ✓ Estatização sem indenização do sistema de transporte;
- ✓ Passe livre para estudantes e desempregados
- ✓ Abaixo a repressão! Fim das prisões;
- ✓ Nenhum processo político contra os lutadores;
- ✓ Escala móvel de salário;
- ✓ Salário mínimo vital de 4.000 reais para uma família de quatro pessoas;
- ✓ Saúde, educação e transporte públicos, gratuitos, de qualidade para tod@s.

Com reivindicações claras, com mobilização, organização, politização e direção, podemos avançar para um patamar de luta contra a opressão social e exploração do capital.

**Bia Abramides é professora do Curso de Serviço Social da Faculdade de Ciências Sociais da PUCSP e diretora da APROPUC-SP**

## MOVIMENTOS SOCIAIS



Em Montreal, Canadá, a manifestação em apoio às reivindicações dos brasileiros

# Brasileiros fora do país vão às ruas em apoio às manifestações

Milhares de brasileiros que moram em outros países organizaram passeatas em apoio às manifestações que se espalharam pelo Brasil. Os atos aconteceram em mais de 60 cidades, distribuídas pelos cinco continentes.

Em Londres, numa das maiores manifestações, 1100 pessoas marcharam na terça-feira, 18/6. No mesmo dia, em Portugal, onde moram mais de 10 mil conterrâneos, centenas de pessoas protestaram em frente ao Consulado.

Já na América do Norte, houve protestos em Los Angeles e em Nova Iorque, nos Estados Unidos, e em Montreal, no Canadá.

Além desses, houve atos em Berlim, na Alemanha, e em Dublin, capital da Irlanda, entre outros.

### CELEBRIDADES

Além dos brasileiros que moram fora do país, celebridades internacionais também deram seu apoio à primavera brasileira. Nomes como Lady Gaga, Katy Perry, Beyoncé e Britney Spears publicaram fotos nas redes sociais segurando um cartaz onde lia-se

"Não são só 20 centavos. Muda Brasil!".

Além de Diego Maradona, que escreveu um cartaz apoiando os protestos e discordando de Pelé, que pediu para que os brasileiros esquecessem os atos durante as Copas do Mundo e das Confederações.

### Manifestantes protestam contra "Cura Gay"

Na sexta-feira, 21/6, a Praça Roosevelt foi palco de mais um ato na capital paulista. Só que desta vez a reivindicação foi o veto ao PDC 234/2011, projeto conhecido como "Cura Gay", aprovado semana passada pelo contestado presidente da comissão de minorias e direitos humanos da câmara, Marcos Feliciano.

Com o mote "Não

há cura para quem não está doente!", membros do movimento LGBT, de partidos de esquerda e de demais movimentos sociais se encontraram no ato para defender o direito às diferenças. Além disso, pediram à comissão de seguridade social e família e à comissão de constituição e justiça que vetem o projeto.

# ROLA NA RAMPA

## Consad cria comissão para as horas administrativas

Na última reunião do Conselho de Administração, Consad, foi criada uma comissão para proceder à análise das horas acadêmico-administrativas. A Comissão é presidida pela professora Maria Amália Andery e conta com a participação dos professores Maria Margarida Limena, Alexandra Geraldini, Laurence Chung Koo, Dieli Vesaro, Nicolás Nuñez e Patrícia Franco. A Comissão foi formada depois das manifestações do Conselho Universitário, Consun, e de diversas faculdades que protestaram contra a

re-publicação de um ato da Reitoria que estipula valores menores para as horas administrativas. Durante o último Consun vários diretores de faculdades apontaram para a incoerência da medida que feria inclusive normas do MEC que estipula números mínimos para horas de coordenação que na deliberação não eram respeitados. Embora o assunto seja eminentemente acadêmico a discussão ficará a cargo do Conselho de Administração o que poderá redundar em uma análise meramente financeira.

## Ex-estudantes ganham prêmio em Teatro

Lenita Ponce, ex-aluna do curso de Artes do Corpo da PUC-SP, foi entrevistada pela TV UOL sobre a vitória do Edital de Ocupação de um dos Teatros da Funarte com a sua companhia de teatro, que nasceu na PUC-SP. A companhia, após o prêmio, está oferecendo cursos, oficinas e peças direcionadas ao público

infantil e adulto, gratuitas para a população da cidade. O diretor do grupo é José Rubens Siqueira, dramaturgo e professor do curso de Artes do Corpo. Confira a entrevista completa em <http://mais.uol.com.br/view/wxs5e3bsd547/lenita-ponce-fala-do-projeto-antigona-04020E983160CCA94326?types=A&>.

## Sinpro-SP decide novo acordo interno

Professores reunidos no SINPRO-SP no dia 15/6 aprovaram proposta para assinatura da nova convenção coletiva de trabalho do ensino superior, que garante aumento do poder aquisitivo da categoria. Após semanas de negociação, chegou-se à proposta, sobre a qual a assembleia deliberou favoravelmente: um pacote econômico bianual que estabelece, além dos 6,52% já pagos neste ano, o reajuste

de 2014, que será composto pela reposição da inflação e 1% de aumento real, mais o pagamento de 24% de Participação nos Lucros ou Resultados ou abono salarial. Ainda que o reajuste salarial de 2013 já tivesse sido pago na data-base, o Sindicato insistiu que as negociações com os mantenedores fossem mantidas com o objetivo de assegurar aumento na base salarial da categoria.

## Eleições têm baixa votação dos alunos

As eleições gerais realizadas na PUC-SP neste mês revelaram o desânimo da comunidade, especialmente dos estudantes, com a situação instaurada depois da nomeação do cardeal e da adoção de listas tríplices para todos os níveis de eleição. Algumas faculdades mostraram expressivos números de abstenção, como a Faculdade de Economia, onde, de um total de 5800 alunos inscritos apenas 85 votaram para a direção da Faculdade. Note-se que os estudantes, e principalmente na FEA, foram os responsáveis pela

expressiva votação do professor Francisco Serralvo nas eleições para reitor e agora o mesmo professor, que se candidatou a diretor de faculdade, não chega a obter 2% dos votos. A mesma situação aconteceu em outras faculdades, como Direito, onde, de um total de 3800 alunos, apenas 140 votaram no candidato à direção. A situação foi semelhante em faculdades como a Faculdade de Educação e Ciências Exatas. O resultado geral pode ser conferido em [http://www.pucsp.br/eleicao/download/resultados/fac\\_direito.pdf](http://www.pucsp.br/eleicao/download/resultados/fac_direito.pdf)

## Inscrições de funcionários para conselhos abrem nesta semana

Os funcionários divulgaram o calendário eleitoral para representantes administrativos nos Órgãos Colegiados (Consun, Conplad e Ceccom) e nas Câmaras (Pós-graduação e Educação Continuada - Cogea). As normas e o edital de eleição estão disponíveis no site da AFAPUC e nos murais de cada unidade.

Entre os dias 24 e 26/6 haverá inscrição de chapas, e do dia 24 ao dia 28/6, a campanha eleitoral. No dia 27/6 serão divulgadas todas as chapas inscritas. A votação será entre 1º e 3/7, e a apuração no dia 3. As eleições para os conselhos das faculdades serão realizadas posteriormente.

## Fotógrafo ferido lança abaixo assinado contra repressão

O fotógrafo Sergio Silva, da agência Futura Press, foi baleado no olho durante um dos protestos contra o aumento da tarifa do transporte público em São Paulo e corre risco de não recuperar a visão no olho esquerdo. Indignado com o despreparo da Polícia Militar e da Tropa de Choque para lidar com a população, Silva deu início a um abaixo assinado para pressionar o governador Geraldo Alckmin e

o secretário de Segurança Pública Fernando Grella a proibir o uso de balas de borracha e de bombas de efeito moral e de gás lacrimogêneo contra os manifestantes, independente da causa defendida. Até o fechamento desta edição do **PUCviva**, já haviam sido recolhidas mais de 37 mil assinaturas, das 50 mil pretendidas inicialmente. Para assinar, acesse o abaixo-assinado em <http://migre.me/f6PKO>.

## Nota de falecimento

Faleceu aos 66 anos, no dia 12/6, a funcionária Maria da Conceição Pessoa Moreira Fernandes, do Laboratório de Psicologia Experimental. Ela entrou na PUC-SP em 1982 e trabalhava há mais de 30 anos na universidade.